

O Serviço de Proteção aos Índios

Visita ao Posto de fronteira "Ricardo Franco"

Cel. VICENTE DE PAULO T. F. VASCONCELOS
Chefe do Serviço de Proteção aos Índios

O art. 17 do Regulamento do Serviço de Proteção aos Índios é concebido nos seguintes termos :

"Os Postos Indígenas são órgãos do Serviço de Proteção aos Índios em imediato contacto com os aborígenes, agindo diretamente sobre eles ; e classificam-se em :

- a) — Postos de Atração, Vigilância e Pacificação.
- b) — Postos de Assistência, Nacionalização e Educação".

Todos eles são diretamente subordinados à administração da Inspetoria da Região respectiva.

E' de uma visita a um desses últimos Postos que vamos tratar aqui, ou melhor, da narrativa feita pelo Dr. Ramayana de Chevalier, que, na comitiva do Sr. General Basilio Taborda, Comandante da 8.^a Região Militar, visitou o Posto Ricardo Franco, nas imediações do Forte Príncipe da Beira, na fronteira do Brasil com a Bolívia, do que aí pode ver e observar, constante do seu livro "Fronteiras", pags. 97 e seguintes. Esse Posto é um dos mais afastados estabelecimentos do Serviço de Proteção aos Índios e da República, ao mesmo tempo núcleo de atração, pacificação, nacionalização de índios e sentinela avançada e vigilante do Brasil naquela fronteira distante do rio Guaporé, em face da Bolívia.

Antes, porém, de transcrever e comentar a narrativa do ilustre médico que acompanhou o Sr. General Taborda em sua longínqua inspeção, vamos copiar dispositivos essenciais do art. 18 do Regulamento, para que se veja até que ponto, lá naquele extremo do Brasil, só habitado por índios, são cumpridas as prescrições regulamentares pelos serventuários do Serviço de Proteção aos Índios, que ali vivem entregues à sua missão e afastados de todo o conforto e convivência civilizada.

"Art. 18.º) — Incumbe aos Postos de Atração, Pacificação e Vigilância :

- a) — impedir, pelos meios legais e policiais ao seu alcance, que as populações civilizadas ataquem os índios ou invadam as suas terras, comunicando às autoridades os fatos desta natureza que ocorrerem ;
 - b) — atrair por meios brandos as tribus arredias ou hostis, estabelecendo entre elas relações amistosas esforçando-se por estender tais relações às populações próximas ;
 - c) — não permitir qualquer violência física contra os selvícolas, ainda quando partam deles as hostilidades, observando e fazendo observar religiosamente a divisa do Serviço de Proteção aos Índios : "Morrer si preciso for ; matar, nunca".
-
- 5) — Manter sempre o acampamento na mais perfeita ordem moral e material e de modo a dar aos índios a melhor impressão de nossa civilização, estabelecendo desde o primeiro dia o culto sistemático à bandeira

nacional, com a assistência de hinos cantados ou mesmo fonografados.

-
- d) — não consentir que seja imposta aos selvícolas nenhuma obrigação relativamente a serviços, religião, ensino, e aprendizagem que não aceitem;
- e) — prestar todo amparo aos índios, atraídos e pacificados;
- f) — afastar do contato com os índios, quaisquer pessoas portadoras de moléstias contagiosas, e vícios ou costumes insociáveis;
- g) — fazer respeitar a família indígena, tanto em sua constituição como em seu decôro, afastando irrevogavelmente qualquer funcionário, ou pessoa estranha ao Serviço que se tornar culpada, promovendo, si for caso para isso, a responsabilidade criminal de um ou de outra;
- h) — fiscalizar a entrada para o sertão de pessoas estranhas ao Serviço, e velar pela fronteira próxima de acôrdo com as instruções que lhe forem expedidas;
- i) — ter a iniciativa das medidas de emergência mais próprias ao sucesso da missão de pacificação, esclarecimento, vigilância e demais operações que lhe competem;
- j) — trazer a Inspetoria informada de todas as ocorrências extraordinárias ou imprevistas.

O Comandante da 8.^a Região e sua comitiva viajaram em avião da linha Belém — Porto Velho, até esta localidade, estação inicial da Madeira-Mamoré. Em Porto Velho mudaram de aparelho, seguindo para a Capital do Acre, Rio Branco. Daí regressaram à Madeira-Mamoré — estação de Presidente Marques, onde terminou a viagem aérea. De Presidente Marques seguiram pela estrada de ferro até Guajará-Mirim; depois, em lanchas, subiram o rio Mamoré, passaram a seu afluente Guaporé, até o Posto Indígena Ricardo Franco, antigo Príncipe da Beira. Damos agora a palavra ao narrador da visita:

"Já no Guaporé, aproximávamo-nos do Posto Indígena "Príncipe da Beira".

A atracação veio a bordo, seguindo viagem conosco, o delegado do Posto".

O POSTO INDIGENA

E' ele orientado por João Freire de Rivoredo, ex-inspetor das Linhas Telegráficas (Comissão Rondon) e segundo tenente da Reserva da primeira linha.

Magro, marcado de traços profundos de sofrimento e sacrificios, o delegado do Posto entregou-se ao mistér ingrattissimo de civilizar selvícolas, faz doze anos.

De Guajará-Mirim até o porto dêsse núcleo de pacificação distam 300 quilômetros.

Instalado, primeiramente, em 1924, no rio Pacaás-Novos, foi, depois, por "ordem superior transferido para o Guaporé, nas imediações do Forte do Príncipe, cujo nome adotou". (Atualmente chama-se Ricardo Franco em homenagem ao grande engenheiro e explorador dessas lindes).

O seu aspecto é aprazível. Reunido em casario de palha, ao geito de um "bivaque", obedece êste à disposição circular em tórno de uma praça com mastro e pavilhão, onde habitam as famílias do gentio domesticado.

As instalações são feitas em carater provisório, estando em via de acabamento as casas definitivas, do tipo dos barracões, que serão transferidas para a sede estavel do Posto.

A vida nesse conglomerado de habitações é, de certo modo, divertida.

A psicologia do índio se revela lentamente, fugindo às investigações, apressadas e aos interrogatórios tendenciosos.

A desconfiança é uma couraça protetora, que os defende das investidas da curiosidade itinerante.

O estado sanitário do Posto, apesar dos inúmeros precalços e do combate incessante contra as endemias, comuns naquelas alturas da Nação, se apresenta relativamente bom.

Moléstias costumeiras, a gripe, o paludismo e a pneumonia, grassam com certa intensidade.

Com estas, apresentam-se de certo modo frequentes, a tuberculose e a escrofulose.

Dir-se-ia, mesmo, que o índio possui uma tendência pronunciada para a tuberculose.

A sua construtura física, robusta, contrasta com a extraordinária facilidade na aquisição das moléstias do aparelho respiratório!

Curioso e confortador é o fato de desconhecerem os índios a lepra e a sífilis.

Êsses dois terríveis fantasmas da nosologia brasileira, a bacilose de Hansen e a treponemose de Schaudinn, terão sido elas trazidas pela civilização para o convívio intangido dos selvagens?

Cento e seis índios domesticados, inclusive quatorze Morés recém-catequisados, índios internacionais, trabalham e se civilizam naquele Posto, dirigidos por João de Rivoredo (1).

São Macurapes, Aruás, Jabotis, Toparis, Morés, Pacaás-Novos e Uari-Uaiom.

Dêsses, os últimos e os primeiros representam os espécimes mais bravios, tendo exercido, mesmo, até à sua entrada no Posto, a exquisita profissão de comedores de homens (2).

(1) — A expressão "recém-catequisados" é empregada aqui em lugar de recém-pacificados ou atraídos. Os serventuários do S.P.I. não podem fazer catequese por si, nem auxiliar ou impedir que os Padres ou Pastores a façam, desde que não prejudiquem os trabalhos, a ordem do Posto e os preceitos regulamentares dêsse Serviço.

(2) — E' apenas uma frase literária. Não ha índios antropófagos no Brasil.

Nesse conjunto organizado, vivem eles em ordem, como qualquer núcleo civilizado. Alimentam-se variadamente e com horário certo.

A disciplina é um dos seus característicos. Ao crepúsculo, improvisam tambores, formam em pelotões, tomam posição de sentido, e um deles, assumindo o comando da tropa, dá vozes militares, rigorosamente obedecidas pelos outros.

São ordeiros, de uma extraordinária resistência para o trabalho, negando destarte, a já clássica afirmativa da ociosidade dos selvícolas.

E' lenda, e das mais grosseiras, a preguiça do índio.

O de que necessita ele é orientação e exemplos seguros, para a completa eficiência do seu trabalho.

Ha um complexo de orgulho difícil de ser amputado na psiquê do indígena.

Rivoredo, compreendendo-lhes as tendências, dirige-os com a instrução moral e cívica e, sobretudo, com o carinho e a brandura, o que os leva a um estado de transcendente respeito.

Uma vez submetidos à violência, recolhem-se ao mutismo, à tristeza, à indolência proposital, reagindo, um dia, inopinadamente, pela fuga.

A vida entre os selvagens possui ângulos de intensa curiosidade.

Nas investigações que realizei a esse respeito, atingi conclusões de incontestável interesse.

No capítulo — matrimônio — possuem os selvagens qualquer coisa de aristocratas: as ligações se processam, por influência do "tuchaua", desde crianças.

Reservam-se, um para o outro, aos albores da vida, como os coroados continuadores de dinastias.

Uma vez em face do adultério da esposa, o índio que habita o Posto Indígena Forte do Príncipe, não reage pela matança do sedutor ou por esforços físicos que, na maioria dos casos, equimomam o rosto de ambos os contendores e lhes furtam a elegância do traje e do aprumo social.

Correm para o Rivoredo.

E' ele o juiz, o pai, o amigo, o conselheiro, o mediador, o testemunho sereno e imparcial.

Comparecem os ofendidos à sua presença e ele, com palavras suasórias, meios brandos de conciliação, sana todas as desinteligências, aplaina todos esses "steeples-chases" conjugais, responsabilizando, quasi sempre, ao velho e ingênuo "Jurupari", e tudo volta à terna normalidade primitiva.

Isso no Posto. Em plena selva, quem resolve as pendengas domésticas é o "Tuchaua", fatigado bode de ocará, nédio e concupiscente (3).

O trabalho é o divertículo por onde escorrem, anulando-se, todas as divergências tribárias.

Realizaram os índios do Posto, um roçado simétrico e bem acabado, com os seus 1.200 metros

de frente por 700 de fundo, onde sobram, e em belos espécimens, cereais e legumes, para amplo abastecimento do núcleo indígena.

O Moré é um selvagem curioso. Gosta de vestir-se com cascas arboríferas, urdidadas com tal arte, que semelham, numa comparação otimista, as nossas camisas de crepe.

Possuem predileções por determinados alimentos.

Enquanto para os Macurapés, os Toparis, os Nhambiquaras, os Cautarios, os Pacaás-Novos, os Caripunás, os Araras — como para muita gente requintada de Manáus — o tracajá, a veneranda tartaruga e a pacatíssima anta constituem acepipes de rara delícia culinária, para os Morés são comidas repugnantes e indigestas, próprias de gentinha atôa.

Curiosos os Morés...

Sobretudo porque, besuntados de copaiba e de terebentina, ótimo creme de beleza preservador dos mosquitos fatigantes, exalam um cheiro indefinível, que só as índias que os acompanham e o Rivoredo que os dirige, suportam sem fungados nem lenços...

Do Posto, seguiram conosco, o tenente Rivoredo e alguns selvícolas de várias procedências, vestidos na gandola de campanha.

Morenos tostados pela soalheira equatorial, de compleição robusta e biotipo idêntico, cabelos ásperos e derramados em falripas sobre a testa estreita, bocas mais ou menos largas, lábios grossos e polpudos, olhar sereno e divagante, mutismo proposital com o branco, palradores entre si, desconfiados e inteligentes, viajavam pelos cantos dos batelões, ora investigando os porões onde arfavam as caldeiras, ora contemplando a paisagem que desliza nitida e lenta, pelos flancos da lancha.

Conversavam com o capitão Aluísio e o tenente Rivoredo. O General arrancou-lhes algumas palavras, ditas a custo e bem medidas e pesadas.

No dia cinco de dezembro, alcançamos a praia da Lusitânia.

Estávamos, então, em pleno reinado dos Morés. Internacionais, esses índios ocupam, concomitantemente, as duas margens do Guaporé, ou melhor, as duas fronteiras: boliviana e brasileira.

A Lusitânia é um dos respiradouros de suas tabas.

Essas dispõem-se em acampamentos, por vários lugares comandados por um "capitão", enquanto a maloca central é dirigida pelo "tuchaua".

A "Horta" vinha, aliás, de longe, a apitar pelas curvas e estirões, chamando os selvícolas.

Ao apontar dos lagedos que orlam a Lusitânia, duas silhuetas nuas se moviam na praia. — Índios! O grito partiu dos lábios de todos. Os binóculos funcionaram.

De mão em mão, sofregamente, andaram eles pelos olhos curiosos de todos os militares da comitiva.

Sim, os primeiros autênticos, legítimos índios que nossos olhos viam, na liberdade animal dos instintos indomesticados...

Índios!...

(3) — A qualificação, que não subscrevemos, corre por conta do autor, aliás, como se vê, muito simpático aos selvícolas, mas apimentando, sem motivo, casos como esses.

Ao longe, no areal pardacento e labiado, as duas figuras desnudas, bronzeadas, corriam e faziam gestos incompreensíveis...

Breve outro grito do tenente Xavier: — "Mais índios! Ali naquela moita grande!"

De fato, do ventre da floresta surgiram cabeças, troncos, esgueirados entre os hervaçais, espiando a lancha.

— Mais para a beira, coronel Saldanha!

Era o General que desejava aproximar-se para um reconhecimento e um "face to face" com o gentio.

O Dr. Castanheira não gostou muito: — Índios? Classe de gente que eu não gosto!... E passava a mão pelo corpo enorme, apalpando as enxúndias, como si já sentisse os dentes agudos dos Morés trincando-lhe os filés indigestos...

A praia ficou cheia de selvagens.

Pulavam os curumis, corriam as mulheres, agitavam os braços os homens fortes e rudes...

Na distração do acontecido, os pilotos esqueceram-se do leme e trac! a embarcação montou num lagedo, com todo o peso da carga e da marujada.

Para a água!

O coronel Saldanha ficou branco: perder a "Horta" era, sobre um prejuízo estimativo, uma lesão material sopesável.

Para a água!

Vimos então falar a voz do sangue: — Todos os índios soldados que levávamos, lembraram-se dos tempos livres quando caçavam antas e arpoavam tracajás e, despindo gandolas, atiraram-se ao rio.

Foi uma festa.

Aos gritos, às risadas, os nadadores habeis puseram, breve, a lancha flutuando.

Berros nágua, berros em terra, berros a bordo. E todo mundo se entendia...

Fenômeno simples de explicar, que os nossos parlamentos tornaram tão complexo e insolúvel... Boiando a "Horta" e o seu comboio de batelões, voltou-se a atenção geral para os Morés.

Viriam eles a bordo? Não havia canoas em terra ou, si as havia, estavam ocultas no matagal ou mergulhadas no raso (astúcia de incolos).

Ter-se-ia de ir ao encontro deles. Aprestou-se um casco tripulado pelo General, Capitão Aluísio, Major Oliveira, Capitães Waldemar e Américo, Tenentes Silvio, Xavier e Lisboa, Dr. Castanheira e o Rivoredó.

Achacado por um abcesso no maxilar, que me tomara metade do rosto, achei prudente não arrosar o tempo chuvoso na viagem de igarapé.

Atendi mesmo às sugestões profiláticas dos meus tres assistentes odontológicos: — o General Taborada, Aluísio e Saldanha.

Fiquei a bordo.

Fui feliz, entretanto: alguns índios, entre os quais o "capitão" da maloca mais próxima, visitaram a sede flutuante da comitiva.

Chefiava-o o "capitão" Katoma — na intimidade Aiudú — acompanhado de um séquito de mulheres e curumis.

O homem: um belo espécime de atleta: peito largo, cabelos longos e brilhantes, caídos em cerdas sobre os ombros musculosos, dentes claros e regulares, olhos negros e ageis, molares ligeiramente arqueados e o nariz levemente adunco, revelador de origem incáica, quitchua ou guarani.

A sua pronúncia denunciava o convívio com as tribus bolivianas do Beni.

Katoma, esse Peri dos Morés, representava com dignidade a sua raça. Sorridente, astuto, desconfiado e sereno, pedia camisas e calças aos tripulantes, com sem-ceremônia infantil.

Relatou, mesmo que, antes dos primeiros contatos com os brancos pacificadores, havia derrubado muito viajante com irresistível distensão do acapú do seu arco.

Olhei-lhe os biceps prodigiosos e acreditei nas suas façanhas...

Ao lhes ser mostrada uma garrafa de mel, tomaram-na gulosamente, lambendo os dedos avermelhados de urucú.

E passavam nos cabelos os restos que sobravam...

Os curumis escondiam-se debaixo das saias maternas, feitas de cascas de árvores besuntadas de terebentina.

Um Lelong ou um Adrian, perdidos na jangla, transformariam esses modelos de vestidos em esplêndidos "maillots" modernos...

Receberam presentes em profusão. Receberam só? Não. Ofereceram, também, cuias, missangas, arcos, flechas, acangatares, zarabatanas, penachos, dentes "soi-disant" de jacaré que mais pareciam os queixais de um mamute, plumas de garças, madrêporas trabalhadas, enduapes, membis.

Convidados para uma fotografia, aceitaram satisfeitos.

Si compreenderam o que seria aquela caixinha mágica apontada para eles, não sei.

Gostaram dos fuzis, dos rifles, dos revólveres, mas não demonstraram desejos de possuí-los...

Acabada a visita, retiraram-se os índios.

A viagem prosseguiria.

Isso já estava a desejar o Coronel Saldanha, que resmungava cheio de rabugice, vendo a sua querida "Horta" repleta de índios fedorentos: — Esses cachorrões querem é peia! Cambada de malandros! Aquele Rondon é um santo para aturar esses bodes humanos! Safa!

Graças aos seus impropérios movimentaram-se as hélices e a lancha continuou subindo o Guaporé.

Rivoredó ficara, entre os Morés, no afan de aliciar alguns elementos para o Posto".

Da narrativa que aí fica vê-se sobretudo o seguinte :

- a) — Rigoroso cumprimento do seu dever, em circunstâncias bem difíceis, pelo encarregado João Freire do Rivoredo, mantendo o Posto na mais rigorosa ordem, atraindo os Índios ao nosso convívio e encaminhando-os aos trabalhos uteis e sistemáticos por meios suaves e para benefício exclusivamente deles.
- b) — A cordialidade de todos os Índios visitados, a quem o autor rende justiça,

defendendo-os da acusação de indolentes, que só pode caber aos indígenas desmoralizados por contato de *civilizados* exploradores.

O Posto Ricardo Franco, assim como todos os indígenas da região, contam com a devotada assistência desse homem excepcional que é o Capitão Aluísio Pinheiro Ferreira, a quem, pelo seu dinamismo e capacidade de organizador e administrador, caberia bem a designação de Liautey brasileiro.